

IMPORTANTE

1. O CONTEXTO INSTITUCIONAL

1.1 Centro de Estudos Afro-Asiáticos

O Centro de Estudos Afro-Asiáticos (CEAA), criado em 1973, é consequência da incorporação do antigo Instituto Brasileiro de Estudos Afro-Asiáticos (IBEAA), ao Conjunto Universitário Candido Mendes. O IBEAA era um órgão ligado a presidência da República, no âmbito do Plano Quadros, que tinha como função colaborar com o Itamaraty na elaboração de planos para as relações culturais entre Brasil e os países da África e da Ásia. Na Assessoria Técnica do IBEAA, estava o Prof^o Candido Mendes, enviado especial do presidente Jânio Quadros à África, no início da década de 60, iniciando a nova visão da política externa brasileira. Foram feitos contatos com presidentes como: Kwame N'krumah (Ghana), Leopold Senghor (Senegal) e Julius Nyerere (Tanzânia). A relação Brasil - África foi tomando dimensão, resultando em outras visitas do Prof^o Candido Mendes aos países africanos, onde manteve vários contatos com líderes políticos locais. O Prof^o Candido Mendes foi o segundo diretor do Instituto que foi afastado pouco depois da implantação do regime militar no país. A experiência adquirida com a criação, será transferida para o CEAA onde dará continuidade no projeto que começou no governo federal e ganha caráter privado. (Pereira, 1991).

A presença do Centro de Estudos Afro-Asiáticos no continente africano reflete o grau do relacionamento entre Brasil e os países africanos, tanto é que vários africanos que vieram para estudar no Brasil, depois de formados, retornaram a seus países e se tornaram líderes políticos. As experiências de estudos adquiridas no Rio de Janeiro foram de muita importância como contribuição para os governantes emergentes da África, fortalecendo cada vez mais as relações do Brasil com os países que conquistavam sua independência.

Agradecimentos

① Agradeço a Deus, ser Superior, por me conduzir nesta direção profissional.

Durante esse período recebi apoio e incentivo em vários sentidos, no plano espiritual e no plano material, sendo assim.

- ② - Agradeço a toda minha família, pela compreensão que tiveram nos momentos em que fiquei ausente para poder me dedicar aos estudos das disciplinas que exigiam maior concentração e dedicação.
- Aos amigos pelo afastamento necessário causado pelo estudo.
- Aos amigos e colegas de classe, pela convivência durante esses anos de curso.
- As amigas SONIA PAES e Michele Lito, pela ajuda fundamental que deram quando me conduziam de carona em seus veículos, meu reconhecimento por esse gesto de carinho e amizade sincera, essas atitudes somavam muito como incentivo que permitiram que eu concluísse o curso.
- As bibliotecárias Ana Senna e Célia Maria Escobar, e as pessoas que contribuíam direta ou indiretamente para o meu crescimento, apoiavam e incentivavam o meu processo de formação profissional.
- A profª Leila B. Ribeiro, pela dedicação, amizade, capacidade, profissionalismo, e demonstração de amor pelo o que faz.

Segundo o professor José Maria Nunes Pereira, "a criação do Centro de Estudos Afro-Asiáticos foi, antes de tudo, a retomada pelo Prof. Cândido Mendes de sua proposta programática de 1961, de "transformar a UFRJ para os parâmetros de uma instituição privada". (Pereira, 1991, p. 105).

O CEAAs registra em sua história, desde o início das suas atividades, a colaboração do professor José Maria Nunes Pereira, grande conhecedor do continente africano, que trouxe idéias e experiências adquiridas no tempo em que foi "dirigente da Associação de Estudantes Africanos e da Casa dos Estudantes do Império, no Porto" (UNIVERSIDADE CÂNDIDO MENDES, 1998, p. 57). Onde manteve muitos contatos com líderes do MPLA (Movimento pela Libertação de Angola), e com líderes da Frelimo (Frente de Libertação de Moçambique), partidos políticos de "luta pela libertação de Moçambique". Possuía uma biblioteca composta por livros, periódicos e documentos sobre a África no geral, à qual incorporou ao acervo do CEAAs.

Como uma importante instituição preocupada com as questões raciais dentro e fora do país, o CEAAs surge no cenário político brasileiro com grande importância nos anos 70. Neste momento temos o Movimento Negro no Rio de Janeiro preocupado em redefinir o espaço ocupado pelo negro na sociedade e em promover discussões acerca da auto-estima dessa minoria. Como um dos espaços usados para local de discussão da questão racial, temos a antiga sede do CEAAs, localizada na Zona Sul do Rio de Janeiro. Este era visto como local ideal, pois, ficava no "coração" de uma instituição acadêmica onde a comunidade negra contava com o apoio de alguns intelectuais que se sensibilizavam com a problemática do negro. Um dos resultados decorrentes das diversas reuniões do Movimento Negro no CEAAs foi a criação da Sociedade de Intercâmbio Acadêmico (SIAA) e do Instituto de Pesquisas das Culturas Negras (IPCN), além de diversos eventos promovidos com o apoio do CEAAs a partir de 1974. (PEREIRA, 1991).

JOSE ANTONIO DA CUNHA LIMA

+ ==

DA DOCUMENTAÇÃO AO ACESSO À INFORMAÇÃO SOBRE O RACISMO, ...

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO
APRESENTADO À ESCOLA DE BIBLIOTECARIA

APROVADO EM _____ de 2002.

BANCA EXAMINADORA

PROF^ª ESP. IRIS ABDALLAH CERQUEIRA
UNIV. DO RIO DE JANEIRO

PROF^ª MARIA TEREZA REIS MENDES
UNIV. DO RIO DE JANEIRO

PROF^ª LEILA BEATRIZ RIBEIRO
UNIV. DO RIO DE JANEIRO

O Centro de Estudos Afro-Asiáticos vê a força de sua implantação germinada nos ramos da história, da literatura e do continente, bem como nos bolsões asiático-portugueses, de par com toda a produção intelectual que se fazia sentir. A dinâmica desenvolvida por Carlos Hasenbalg, que chegou ao CEAAP em 1976, mostrou que o Rio de Janeiro estava na linha de ponta das pesquisas sobre a interrogação racial; as dinâmicas da aculturação negra no país; e toda a relevância de suas formações no quadro das megalópoles brasileiras. [(UNIVERSIDADE CASTELO BRANCO, 2002)]

Carlos Hasenbalg trouxe ainda um novo ânimo para o CEAAP, através da reorientação do núcleo de pesquisa e atuação da instituição. Nesse sentido, a participação da comunidade negra brasileira na sociedade brasileira; os estados afro-brasileiros e as desigualdades raciais contemporâneas passaram a ser temas centrais da atividade acadêmica da instituição. Para consolidar esta nova dinâmica foram instituídos um Concurso de Monografias, em nível nacional, para estudantes de graduação e o Concurso de Dotações para Pesquisa sobre o Negro no Brasil, com recursos da Fundação Ford, que a partir de 1980 começou a apoiar alguns projetos do CEAAP. Em seguida vieram mais dois importantes projetos: o desenvolvimento da catalogação da produção acadêmica sobre escravidão e relações raciais de 1970 a 1990 (parte de um projeto maior, coordenado pelo Arquivo Nacional), que teve como resultado a publicação do Cadastro de Relações Raciais no Brasil - Cadastro da Produção Intelectual (1970 - 1990). O projeto desenvolvido pelo CEAAP, foi um catálogo sobre a Imprensa Negra, conservado em microfilme e também em películas de microfilme, resguarda valiosas informações de jornais produzidos por afro-brasileiros desde 1915. [(Idem)]?

Orestes do Vice-Diretor Executivo, Beluce Bellucci, que assumiu este cargo em 1996, traz a marca de uma experiência acadêmica, que teve nessa trajetória de vida profissional, uma experiência com a área por Moçambique. Em 1993 como Coordenador dos Programas de África,

À JULIA ERNESTINA "IN MEMORIA", • ANA KAREN E INDAIA'

Beluce Bellucci cria o Programa de Administração de Bolsistas (PAB), comprovando o caráter da instituição das diversas etapas por que passou esta instituição. O PAB permitiu ao CEAA aumentar de maneira considerável o intercâmbio educacional com alguns países do Continente Africano, tendo apólo acompanhado com bastante regularidade os estudantes africanos aqui no Brasil, matriculados em cursos de graduação e pós-graduação. Beluce Bellucci empreendedor por natureza tem como meta: primeiro consolidar o curso de pós-graduação em História da África e o Programa de Administração de Bolsistas (PAB), fortalecendo os laços com os estudantes africanos no Brasil; segundo, ampliar as pesquisas sobre África Austral e os Países de Língua Oficial Portuguesa; terceiro nesta etapa do CEAA, socializar junto ao povo brasileiro o conhecimento acumulado, produzindo e editando os textos sobre África. [(UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO, 1998)] ?

O Centro também conta com a contribuição antropológica do Vice-diretor Técnico-Científico, Lívio Sansone, que além de acompanhar a tradição de Carlos Hasenbalg é responsável pelos estudos afro-brasileiros, e vem impulsionando as pesquisas sobre a população negra do Brasil, as publicações e os cursos desta área. Lívio Sansone destaca a importância da modernização da biblioteca, entende que a mesma por possuir um rico acervo sobre negros, contribui para reforçar o desenvolvimento das pesquisas: "Estamos empenhados em conseguir recursos, não só para pesquisas, mas também para a promoção de cursos e modernização de nossa biblioteca, que tem a maior concentração de teses de doutorados, livros e documentos sobre o negro no Brasil". [(Idem, p. 18)] ?

O CEAA preserva em sua biblioteca, uma rica e cobiçada documentação, acumulada durante vários anos, formando um acervo com características diferenciadas. Tais características, fazem desta uma biblioteca de referência em questões raciais. Para melhor entendermos a formação de seu acervo, dedicaremos um item onde faremos um breve histórico da biblioteca.

Banco de Memória: lugar onde se armazena organizada e sistematicamente documentos em qualquer suporte físico e deles podemos extrair informações que nos remetam aos fatos ocorridos em uma dada época, como condições para recordar a memória coletiva e transgeracional das sociedades que os produziram, identificando vestígios de seus costumes ou mobilização social.

OK

Banco de Memória: lugar onde se armazena organizada e sistematicamente documentos em qualquer suporte físico e deles podemos recuperar informações que nos remetam aos fatos ocorridos em uma dada época, como condições para recordar a memória coletiva e transgeracional das sociedades que os produziram, identificando vestígios de seus costumes, manifestação cultural ou mobilização social.

OK

2. BANCO DE MEMÓRIA

2.1 [BANCO DE MEMÓRIA VISÃO PRÁTICA]

A concepção da concepção do trabalho será apoiado na literatura especializada que enfoca a organização e desenvolvimento de centros de documentação e bibliografia que versa sobre a informação, a memória e o documento, temáticas que em seu conjunto apoiarão a concepção de um banco de memória.

A documentação neste contexto terá o conceito bem abrangente, pois, baseia-se nos diversos suportes utilizados para armazenar as informações, uma vez que temos coletado para catalogar livros, artigos de periódicos, fitas cassete, fitas de vídeo, cds, etc. Sendo assim, utilizamos o entendimento para organização do acervo. Ressaltando que “a palavra ‘documento’ refere-se a qualquer suporte físico mais amplo – documento escrito, ilustrado, transmitido pelo som, pela imagem ou qualquer outro modo” (SAMARAN, apud LE GOFF, 2000, p. 108), esta abrangência do conceito nos dará condições entender a formação do acervo do Banco de Memória do CIBAB, para estruturá-lo de forma que facilite a recuperação da informação. Por exemplo, um seminario produzirá uma documentação diversificada (folder, cartaz, artigos, vídeo, etc), portanto deveremos saber tratá-la corretamente, de acordo com a especificidade de cada item para extrair destes as informações necessárias para seu armazenamento. E garantir através da utilização das técnicas da biblioteconomia, aliadas a informática, que posteriormente, seja feita a recuperação da informação existente nesta documentação. Tentando atingir assim, o objetivo. Assim como o “Banco de Memória”, criado para concentrar a memória social de uma coletividade que pretende continuar lutando para ver chegar ao fim as desigualdades raciais e sociais existente no Brasil e no mundo.

Então, podemos argumentar que

EPIGRAME

UMA CITAÇÃO DE PIERRE MORA, PAG. 16 do texto
do VÍLIAMO T. BEZERRA DE MENEZES

[...] documento é uma representação, um signo, isto é, uma abstração temporária e circunstancial do objeto natural ou acidental, construído de essência (forma ou forma/ conteúdo intelectual), selecionado do universo social para testemunhar uma ação cultural [...] são constructos que se revelam a partir de escolhas circunstanciais da sociedade que cria objetos. (DODEBEY, 2000, p. 66).

Baseando-se neste argumento, compreende-se que o documento em sua essência, nasce de um contexto social e serve para identificar um fato ocorrido no passado. Sendo assim, sons, textos, imagens (fixa ou em movimento) entre outras, são maneiras de representação do documento em um banco de memória. Portanto, podemos perceber na preocupação de coletar, centralizar, organizar, tratar, divulgar e disponibilizar os documentos reunidos em seu acervo, que o Banco de Memória do CEAB, espera dar uma contribuição à sociedade, cuidando da preservação da memória coletiva, que poderá servir de testemunho histórico para justificar uma ação social.¹

Neste sentido o Banco de Memória do CEAB, como “espaço de representação da memória” (ibidem, p.66), visa cumprir esse objetivo, pois, acompanha a dinâmica das transformações sociais, sobretudo, as atribuídas, por exemplo, as atividades dos movimentos sociais, engajados nas lutas para erradicar as desigualdades dentro e fora do país. Ainda segundo a autora “a representação das ações sociais já significa, de certo modo, o primeiro estágio do processo coletivo para a formação das memórias e, sob certas condições, essas memórias emergenciais podem se transformar em documento social” (loc. cit.). O caráter dinâmico que é inerente aos “espaços de representação de memória” é consequência da reunião em seu interior de registros que foram produzidos com a intenção de identificar sinais do passado, construindo um elo entre o então e o hoje, tornando-se uma cadeia, um ciclo de documentos que serão reutilizados, possibilitando a produção e disseminação de novos textos, à medida que eles forem

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo ^{principal} dar visibilidade à documentação produzida por agentes sociais mobilizados no combate às diversas formas de racismo e desigualdade, possibilitando a

Objetivo principal

O trabalho objetiva dar visibilidade à documentação produzida por agentes sociais voltados ao combate engajados no combate ao racismo e às diversas formas de desigualdades, permitindo a análise da participação brasileira na Conferência de Durban, em 2001, organizada pela ONU, como instrumento de mobilização no combate ao racismo. A documentação ~~de~~ será preservada e disponibilizada no acervo ^{de ± 6 centenas de metros de arquivos} que está sendo formado com a concepção do Banco de Memória do CEAB.

O conteúdo institucional mostrou, através de um breve histórico, ~~que~~ ^{que} ~~realizamos~~ ^{realizamos} que o CEAB, expandiu-se, diversificando seus cursos e no ^{bojo} sua biblioteca ampliou-se ~~no~~ ^{em} sentido físico de espaço ^{englobando} ~~abrangendo~~ os novos acervos ^{mas} ~~mas~~ ^{mas} ~~antes~~ ^{antes} que abrange seus vários cursos que oferece. Mas, continua ~~em~~ ^{em} ~~na~~ ^{na} ~~que~~ ^{que} ~~de~~ ^{de} ~~aspecto~~ ^{aspecto} ~~o~~ ^o ~~a~~ ^a investindo na medida do possível no acervo voltado para as relações étnicas no Brasil, acumulando documentos importantes sobre temas africanos.

CONTINUA

colados novamente para o banco de memória, que resultará em um novo registro de informação potencial armazenada no acervo documental. (DODEBEY, 2000).

[...] todos eles atuam com a finalidade de ampliar o alcance de seus serviços aos demais segmentos sociais, procurando atingir aqueles que se configuram como usuários potencialmente interessados em fazer uso das informações disponíveis. Assim, desdobram-se em atividades de extensão universitárias, buscando atingir não apenas novos pesquisadores, mas sobretudo unir-se a outras instituições cuja tarefa básica seja a de preservar o patrimônio documental do país. Engajam-se, dessa maneira, nos esforços gerais de preservação do patrimônio histórico nacional e dos seus bens culturais (CAMARGO, 1999, p. 50).

Para Souza (1998), que usou o termo “documentação” com base nos escritos de: Oilet e Lefort (1992) e de Smít (1986), manifestando o seguinte argumento.

O termo documentação surgiu com evolução do conhecimento técnico-científico, havendo a necessidade de centralizar todos as publicações impressas, tornando-as mais dinâmicas e com maior facilidade de acesso. Anteriormente a documentação ficava restrita a arquivos estáticos, com pouca visibilidade para a procura. Com o passar do tempo, com o aumento do número de pesquisas e com a valorização cada vez maior da informação, a documentação foi tendo seu reconhecimento, tornando os usuários mais satisfeitos: dando melhor suporte, facilitando as tomadas de decisão e o planejamento da pesquisa para os usuários. (SOUZA, 1998, p. 42-43).

Como justificativa para tentar se posicionar, neste universo de documentos acerca de conceitos que melhor expliquem e orientam a organização dos materiais coletados e reunidos em um acervo (para registrar os fatos ocorridos no passado), é pertinente transcrever que

Constitui um documento toda fonte de informação de que o espírito do historiador sabe extrair alguma coisa para o conhecimento do passado humano, considerado sob o ângulo da questão que lhe foi proposta. É perfeitamente óbvio que é impossível dizer onde começa e termina o documento; pouco a pouco, a noção se alarga e acaba por abranger textos, monumentos, observações de todo gênero. Mas, prossegue o autor, resistamos à moda, tão difundida, do paradoxo: qualquer coisa pode tornar-se um documento para qualquer questão... Isto é verdadeiro, desde que se insista no coeficiente potencial. (MARRAS, 1978, apud DODEBEY, 2000, p. 61, grifo do autor).

~~Os termos não se en~~

O segundo e por sinal o ~~mais~~ ^{científico} ~~usado~~ ^{termo} mais usado pelos autores
é a ideia de ~~instituição~~ que trata-se de instituições públicas, inclusive
para exemplificar: Arquivos, museus, bibliotecas. A conclusão que ~~se~~ ^{podemos}
fazer, baseada nessa exposição é que as instituições privadas valorizam
as informações concisas, sempre atualizadas, já as públicas se volta para
os fatos históricos através da preservação da documentação ^{sobre a memória} que agrega
informações de épocas passadas.

É importante afirmar que ~~esse~~ Banco de Memória do CEAB, preservará de maneira profissional valorizando toda documentação constante que formará o seu acervo. Entendendo ser ^{relevante} ~~importante~~ para os ativistas sociais e aqueles que pesquisam a evolução das relações étnicas no Brasil, a questão do acesso às informações de ^{essa} ~~grande~~ natureza. A informação tem poder e informação disseminada gera conhecimento, possibilitando o indivíduo agregar valor às suas experiências de vida. Facilitando a relação ^{intercultural} ~~interétnica~~ ^{intersocial} (nos grupos e ~~interétnica~~ ^{inter-social} _{cultural} nas diversas etnias existentes no Brasil).

No início do século XX, alguns cientistas, insatisfeitos com o caos documentário criaram uma nova disciplina: a documentação, uma nova profissão: a de documentalista e, em consequência surgiram os centros de documentação, com o objetivo de tratar da informação especializada. Produzida sob outra forma documentária que não o livro, objetivo este negligenciado pelos bibliotecários. A preocupação desses especialistas era apresentar serviços mais dinâmicos, ampliar o conceito de documento, abarcando, além do livro, periódicos, microfimes e materiais especiais, e principalmente, aprofundar a análise de assunto.

Algum tempo depois o termo documentação, devido a ambigüidade, foi substituído pelo termo informação, e a nova profissão ganhou outros rótulos: ciência da informação/cientista da informação/centros de informação. (CESARINO, 1978, Apud SOUZA, 1998, p. 46).

A abrangência dos conceitos de documento (apresentados acima), nos encaminha para uma outra questão, que diz respeito à formação do acervo. Um banco de memória vai conter materiais que possibilitará encontrar vestígios da ação do homem no passado. De alguma maneira o homem registrou sua existência no decorrer da história, seja através de fotografias, vídeo, livros, e-mails, etc. Os acervos documentais podem permitir que se estude essas ocorrências, para tanto, na constituição desses acervos, deve-se ter o cuidado para que o mesmo, permita posteriormente a recuperação do conhecimento, que estarão armazenados em diversos suportes físicos.

Acerca de formação de acervo de documentos, Camargo (1999, p.55), enfocou em seu trabalho, dentre outras coisas, sobre a importância dos mesmos, para organização do conhecimento e recuperação da informação.

Quando se levanta, hoje a questão da importância de se discutir as linhas de acervo que devem ser definidas pelos centros de memória e documentação, é porque se trata de questão estratégica, fundamental, já que assim se organiza o conhecimento. O conhecimento é especializado, as pessoas acessam as informações dessa maneira. Por isso, esses centros só realizam sua função essencial se estiverem em sintonia com o modo como o conhecimento esta sendo construído hoje.

[...] a própria sociedade contemporânea exigiu o surgimento desses centros, que se aproveitavam de informações já produzidas sobre conjuntos bibliográficos, arquivísticos etc., para dar um apoio informacional ao pesquisador [...].

[...] analisando as colocações de Camargo, ocorreu uma questão já percebida no levantamento bibliográfico: é que sobre o “banco de memória”, nas literaturas levantadas os autores não usam esse termo, encontrando várias denominações, dentre elas: “centros de documentação”; “centro de memória”; “centro de informação”; “centro referencial”; “lugares de memória”, e outras. Seria “banco de memória”, um termo sinônimo dos demais termos? Um “banco de memória” teria condições de atuar como um “centro de documentação”? Não conseguiria responder essas questões, pois, o banco de memória é que ainda está em processo de concepção e desenvolvimento.]

Silva (1999), demonstrando, pode-se dizer que, uma distinção entre “Centro de Documentação” e “Arquivo”, baseado na formação do acervo, de cada um desses lugares de preservação de memória, segundo o autor,

[...] o próprio conceito de Centro de Documentação carrega controvérsias marcando, na atualidade, uma nítida tensão entre as concepções de documento no âmbito da História e da Arquivística. Essa diferença parece anunciar-se já no campo da organização desses lugares de Memórias. Os Centros de Documentação são qualificados em oposição aos Arquivos, como estruturas que se organizam a partir da idéia de coleção, dada “sua natureza de agrupamento a priori, subjetiva e artificial”. No outro pólo estariam os Arquivos, que apareceriam como conjuntos (contrapondo-se a idéia de coleção) estruturados de documentos portadores de informações (tal qual as bibliotecas e centros de documentação), tendo como especialidade “sua origem jurídica, seu caráter seriado, sua unicidade e sua objetividade”. Uma outra diferenciação seria o caráter institucional dos Arquivos em contraposição aos Centros que seriam temáticos. (SILVA, 1999, p.89).

Continuemos a abordagem sobre os centros de documentação, sobretudo no que se refere à organização do acervo para recuperação das informações. Ressaltando que, a questão da linguagem não pode ser esquecida, pois, para a documentação funcionar como local que vai garantir, distribuir os dados e facilitar o acesso às informações contidas nos documentos, é imprescindível o uso de vocabulários que possam garantir uma melhor recuperação do conteúdo textual dos “documentos” (DODEBEI, 2000).

Para não se perder nessa confusão lingüística, a documentação não teve outra solução a não ser dar a volta por cima e criar seus próprios instrumentos lingüísticos (as linguagens documentárias), ao invés de permanecer refém das ciências com vocabulários flutuantes. Tendo por objetivo a operacionalidade, ela simplesmente se viu obrigada a decidir por certas definições, em detrimento de outras.

Do ponto de vista prático, a linguagem documentária nada mais é do que um instrumento para poder decidir, entre todos os termos possíveis, o termo a ser utilizado na análise de um documento, e, portanto, o termo a ser igualmente empregado na hora da pesquisa. (SMIT, 1986, p. 48-49).

A documentação criou mecanismo que controla e organiza os termos a serem utilizados em seu sistema de recuperação de informação. Um deles é o uso de remissivas, ou seja, ao invés de usar vários termos para procurar um determinado assunto, estabelece-se que para tal conceito, devem ser usados termos específicos, capazes de permitir a recuperação dessa informação. Toda vez que aparecer conceitos que nos leve a mesma idéia, os descritores deverão ser os mesmos.

Há linguagens documentárias multilíngües que traduzem termos normalizados de uma língua para outra. O intuito, sempre, é de "normalização" ou "controle" do vocabulário, as linguagens documentárias constituindo instrumentos que permitem evitar, um pouco, o caos lingüístico. O que não se pode, no entanto, é perder de vista esta função utilitária: se uma linguagem documentária prefere "automóveis" a "carros", tal fato não significa nada além disto: ela prefere e recomenda que se use o título automóveis para fins de pesquisa bibliográfica (ibidem, p. 50).

Ao proceder a seleção entre o uso de um termo em detrimento a outro, estaremos influenciando, no resultado da recuperação da informação, pois, nesse processo de escolha, cada profissional vai indexar de acordo com seu conhecimento potencial acerca do assunto que esteja tratando no momento, com isso, o que pode ser relevante para um, pode não ser para outro, a abrangência vai depender da tabua informacional que cada pessoa constrói no seu ciclo de vida. (BODLEY, 2000).

segundo Le Goff (2000, p. 114), o historiador intervém no processo de difusão da história humana determinando época, ao escolher entre esse ou aquele documento, da mesma forma que o pintor escolhe a cor, o músico, o filósofo, também vão influenciar na difusão dos documentos. A montagem da história da sociedade ou ^{de} alguma época.

A intervenção do historiador que escolhe o documento, extraindo-o do conjunto dos dados do passado, preferindo-o a outros, atribuindo-lhe um valor de testemunho que, pelo menos em parte, depende da própria posição na sociedade da sua época e da sua organização mental, insere-se numa situação inicial que é ainda menos "neutra" do que a sua intervenção. O documento não é inocuo. Antes de mais, é o resultado de uma montagem, consciente ou inconsciente, da história, da época, da sociedade que o produziu, mas também das épocas sucessivas durante as quais continuou a viver, talvez esquecido, durante as quais continuou a ser manipulado, também pelo silêncio. O documento é uma coisa que fica, que dura, e o testemunho, o ensinamento (para evocar a etimologia) que traz, devem ser em primeiro lugar analisados desmistificando o seu significado aparente. O documento é um monumento. É o resultado do esforço realizado pelas sociedades históricas para impor ao futuro - voluntária ou involuntariamente - determinada imagem de si próprias. No limite não existe um documento-verdade. Todo documento é mentira. Cabe ao historiador não passar por ingênuo. [...] É preciso começar por desmontar, demolir esta montagem, desestruturar esta construção e analisar as condições de produção dos documentos e monumentos.

Para remontar a história, necessariamente devemos nos remeter aos fatos que nos possibilitam essa construção. Para isso, recorremos aos recursos que nos permitem fazer essa composição do passado. Um desses recursos podemos dizer que é a pesquisa através dos registros deixado pelo homem, registros necessários, pois, a memória do homem não consegue guardar tudo aquilo que ele vive ou observa. O homem precisa comprovar de alguma forma a sua existência, mas pode confiar só na memória cerebral, componente do sistema nervoso. Encontramos vestígios de sua existência através de marcas, escritos, imagens, relíquias e outros meios de representação da memória.

VIRE

No raciocínio de Pomian (2000), pode-se comprovar que são necessários os registros para que se identifique os fatos históricos, através dos manuscritos, desenhos, fotografias, esculturas, gravuras, são representações da memória que permitiram os estudos de determinada época. Para ele "toda a memória é um primeiro lugar uma faculdade de conservar os vestígios do que pertence já em si a uma época passada". O autor argumenta ainda que:

[...] Estes vestígios, porém, embora resistentes, esbatem-se. Por isso se inventaram vários sistemas para conservar as recordações o mais longamente possível, de modo a poder transmiti-las aos outros, garantindo-lhes assim uma duração perene. Na prática, esta arte da memória é uma arte da linguagem: ensina a conservar as narrativas e permite, pois, a um indivíduo tornar-se o depositário das recordações daqueles a quem nunca conheceu porque morreram muito antes do seu nascimento, e por sua vez transmitir estas recordações aos seus descendentes. [...] A memória colectiva e transgeracional começa a assumir as características particulares com o aparecimento da 'colecção': conjunto de objectos naturais ou artificiais afastados dos circuitos de utilização, colocados sob uma protecção especial e exportos. A partir desse momento, a memória colectiva começa a adquirir suportes diferentes dos cérebros dos indivíduos. É também necessário que as colecções se iniciem não apenas nas relações entre o aqui e o além mas ainda nas que unem os mortos aos vivos, o passado ao presente. (POMIAN, 2000, p. 507, 509).

A possibilidade de recuperação da memória, através dos vários sistemas usados para sua preservação, pode-se dizer por fim ao feno-
meno natural que é o esquecimento, consequência da passagem do tempo. Assim foram criados lugares adequados para concentrar docu-
mentos que analisados permitam identificar a "memória colectiva e trans-
geracional" de uma época. Conforme manifestou Gondar (2000), sobre me-
mória como herança social, capaz de identificar uma sociedade.

~~VINE E VEGA~~

NO VERSO
continua em outra folha

segundo Le Goff (2000, p. 114), o historiador intervém no processo de difusão da história humana. Assim, ao escolher entre esse ou aquele documento, da mesma forma que o historiador escolhe a história a ser contada, o historiário, também vão influenciar na difusão dos documentos. A montagem da história da sociedade ou alguma época.

A intervenção do historiador que escolhe o documento, extraíndo-o do conjunto dos dados do passado, preferindo-o a outros, atribuindo-lhe um valor de testemunho que, pelo menos em parte, depende da própria posição na sociedade da sua época e da sua organização mental, insere-se numa situação inicial que é ainda menos "neutra" do que a sua intervenção. O documento não é inocuo. Antes de mais, é o resultado de uma montagem, consciente ou inconsciente, da história, da época, da sociedade que o produziu, mas também das épocas sucessivas durante as quais continuou a viver, talvez esquecido, durante as quais continuou a ser manipulado, também pelo silêncio. O documento é uma coisa que fica, que dura, e o testemunho, o ensinamento (para evocar a etimologia) que traz devem ser em primeiro lugar analisados desmistificando o seu significado aparente. O documento é um argumento. É o resultado do esforço realizado pelas sociedades históricas para impor ao futuro — voluntária ou involuntariamente — determinada imagem de si próprias. No limite não existe um "documento original". Todo documento é mentira. Cabe ao historiador não passar por ingênuo. [...] É preciso começar por desmontar, demolir esta montagem, deestruturar esta construção e analisar as condições de produção dos documentos argumentais.

Para remontar a história, necessariamente devemos nos remeter aos fatos que nos possibilitam essa construção. Para isso, recorremos aos meios que nos permitem fazer essa composição do passado. Um desses meios pelos quais dizem que é a pesquisa através dos registros deixado pelo homem, registros necessários, pois, a memória do homem não consegue guardar tudo aquilo que ele vive ou observa. O homem precisa comprovar de alguma forma a sua existência, mas pode confiar só na memória. A memória é um componente do sistema meivoso. Encontramos vestígios de sua existência através de marcas, escritos, imagens, relíquias e outros meios de representação da memória.

SINE

1.2 Bibliografia

1.2.1 Documentos

As definições abaixo foram extraídas do **Dicionário de Comunicação**, 2001.

- **ARTIGO:** (jn) Texto jornalístico interpretativo e opinativo, mais ou menos extenso, que desenvolve uma idéia ou comenta um assunto a partir de determinada fundamentação;
- **CARTAZ:** (ed, pp) Mensagem publicitária de grandes dimensões, em formatos variáveis, impressa em papel, de um só lado e geralmente a cores, própria para ser afixada em ambientes amplos ou ao ar livre, em paredes ou em armações próprias de madeira ou de metal;
- **CD-ROM:** (inf) Sigla de compact disc read only memory, disco compacto apenas com memória de leitura. Disco semelhante ao CD de áudio, utilizado em computador para disponibilizar aplicativos e recursos **multimídia**, assim como a gravação de textos, imagens e sons;
- **CORREIO ELETRÔNICO:** (inf, int, tc) Tradução literal da expressão inglesa e-mail, também largamente utilizada no Brasil. 1. Tecnologia que possibilita a troca de correspondência via computadores ligados em rede. O provedor ou fornecedor de acesso oferece uma caixa de correio para cada cliente com um **endereço eletrônico** específico, em que cada usuário possui sua caixa postal eletrônica, através da qual as mensagens são recebidas, armazenadas e enviadas. O correio eletrônico popularizou-se através da **internet**;
- **E-MAIL:** (inf) Abrev. De electronic mail. V. **correio eletrônico**;
- **FITA CASSETE:** (som) Fita magnética de áudio, disponível em chassi do tipo cassete. Em Port., diz-se tb. Cassete-áudio;
- **FOLDER:** (ed, pp) Volante, prospecto ou folheto constituído por uma só folha impressa, com duas, três ou mais dobras. Usa-se mais a grafia em ingl., **folder** ("que dobra"). No plural é preferível a forma portuguesa, "folderes";
- **FOLHETO:** (ed) 1. Publicação não-periódica, com número limitado de páginas (mínimo o máximo 48, excluídas as capas);
- **MANUSCrito:** (ed) 1. Publicação não periódica que consiste, materialmente, na reunião de folhas de papel ou de material semelhante impressas ou manuscritas, organizadas em cadernos, folhas, ou presas por processos de encadernação e técnicas similares.

[...] para que o esquecimento se desse: o próprio tempo se encarregaria de fazê-lo. As lembranças tenderiam a ~~se~~ ^{se} ~~parecer~~ ^{parecer} com o tempo, a progressividade perderem a sua marca, a sua singularidade, até desaparecerem por completo. Seria necessário então criar instituições capazes de preservar o patrimônio cultural, protegendo as lembranças/documentos do fluxo natural da entropia. É, desse modo, fazendo dele simples dado material a ser conservado. Nesse caso, haveria a suposição de que, por meio da evocação de uma lembrança ou do resgate de um documento, se ressuscitaria de maneira viva, neutra, inocente, a originalidade de um acontecimento. (GONDAR, 2000, p. 38).

Haja visto que, o resurgir dos acontecimentos, se dá, então, através da
criação de instituições que carregam a responsabilidade de preservação da
memória, para que num dado instante se necessário, possamos reu-
penar com alguma originalidade os vestígios do passado. Estes vestígios
serão encontrados nos documentos/monumentos que preservados faci-
litam a identificação de informações relevantes capazes de interromper
o fluxo natural do esquecimento. Sendo assim, os documentos/monumentos
podem ser vistos como instrumentos que ativam a capacidade de
lembança de uma sociedade, no segundo momento como agente de resis-
tência que combatem o fluxo natural do esquecimento. (Ibidem).

Mas durante esse processo de recordação do passado através dos documentos. Os legados de memória estão o tempo todo processando informação. Por isso, devemos dar importância no que parece ser simples, o ato de manusear os documentos e enturar deles aquilo que para nós é relevante e que chamamos de informação. Relevância que deve ser entendida ^{no princípio da} ARMAZÉM e organização de acervo, devemos ter em mente que estamos trabalhando com a produção do conhecimento, através do conteúdo informacional contido nos documentos, caso estes provoquem a entropia _____ em seu uso.

Distingue-se do folheto por possuir maior número de páginas: segundo as normas da Unesco, considera-se livro a publicação com mais de 48 páginas;

- **PERIÓDICOS:** (ed) Publicação editada a intervalos regulares, sobre assuntos gerais ou especializada, e que geralmente conta com a participação de diferentes colaboradores. Cada edição é numerada consecutivamente e não há determinado de publicação;

- **VIDEOTEIPE:** fita magnética usada para gravação, edição e reprodução de imagens, geralmente acompanhada de sons.]

Os documentos acima definidos de acordo com a fonte citada, são partes integrantes da documentação coletada para concepção e implantação do Banco de Memória. Após o significado típico dos documentos, foi considerado interessante para melhor entendimento do trabalho, descrevermos cada um deles, para dar sentido a seleção que realizamos previamente e justificar o motivo pelo qual consta no conjunto da documentação selecionada.

3.2.1 Descrição dos documentos no acervo

Em nosso acervo existem alguns documentos que talvez não sejam encontrados com facilidade em outros "centros de memória", devido a sua forma, sendo pouco referenciados nos trabalhos acadêmicos, mas para o entendimento histórico do processo da Conferência Mundial contra o Racismo, realizada em Durban, eles não poderiam deixar de integrar no Banco de Memória do Centro de Estudos Afro-Brasileiro. Portanto, devemos considerar que cada documento terá o seu valor, independentemente de seu suporte físico. Para nós, num [lugar de memória] devem constar os mais variados tipos de documentos, uma vez que eles nos sirvam de ligação com o passado, de modo que possamos recuperar a nossa [história coletiva] ou possamos acessar todas informações relevantes sobre assuntos de caráter individual ou coletivo de uma dada época. Sendo assim, o Banco de Memória do CEAB, reúne folders, folhetos, e-mails, cartazes.

DL

ESTRUTURA DA MONOGRAFIA

A estrutura do trabalho começa a partir da abordagem histórica da instituição inserida no objeto de estudo, englobando a natureza de seus centros acadêmicos, suas relações de âmbito cultural com alguns países do continente africano, além de suas relações internas ^{na} qual registramos o ^{Apoio} aos movimentos sociais que buscam soluções para por fim ao racismo e as desigualdades, e também as discriminações sofridas pelo povo negro no país. Falaremos sobre as conferências contra o racismo organizadas pela ONU, como instrumento de mobilização ^{contra o racismo} e ^{reflexão} sobre o destino de milhares de pessoas que sofrem os efeitos dos conflitos que tem como base o racismo. Descreveremos a proposta de concepção e implantação de um Banco de Memória, sobretudo, as características e tipologia dos documentos, passando pela estratégia de avaliação e seleção para entrada dos mesmos no acervo.

fotografias, livros, etc. Vejamos abaixo a importância que cada um deles tem, e por isso, incluem no acervo do Banco de Memória do CEAB:

- Artigo: importante fragmento escrito acerca de determinado assunto, às vezes destacados de jornais ou de qualquer outro periódico (analítica de assunto ou periódico);
- Cartaz: sua importância é de caráter publicitário, são anúncios de eventos realizados em determinada época e local descrito no mesmo;
- Cd-Rom: recurso de multimídia utilizado para fazer o registrar (textual, visual, sonoro) de eventos realizados em prol da Terceira Conferência Mundial contra o Racismo, em Durban.

Email, um recurso moderno de comunicação, que ganha cada vez mais importância no processo de recebimento e transmissão de informação. Ressaltamos que no Banco de Memória do CEAB, este tipo de material é de caráter institucional, está impresso e assim pode ser manuscado pelo pesquisador. Agrega-se valor especial a este documento, sabendo-se que em muitas mensagens recebidas ou transmitidas, constavam como anexos, arquivos contendo informações relevantes acerca do processo de preparação da Conferência Mundial contra o Racismo (como proceder para conseguir se credenciar para participar da Conferência) ou contendo informações do dia a dia da Conferência de Durban (circularam arquivos com relatórios dos resultados das discussões ocorridas diariamente). As transmissões de informações por correio eletrônico, foram de suma importância, pois, serviram de instrumento fundamental para que as instituições ou os grupos se articulassem (criou-se listas de e-mail integrando diversos grupos), facilitando com isso o intercâmbio entre as partes interessadas, um recurso utilizado não só no processo preparatório, mas também, durante o evento da Conferência. O uso de e-mail possibilitou em alguns casos que se pudesse traduzir textos para que se tomasse até

posições diante de assuntos em pauta para discussão. Dadas essas explicações, percebeu-se o grau de importância deste tipo de material e o porque deles estarem no conjunto da documentação reunida neste acervo;

Álta Cassete, recurso usado para gravar algumas entrevistas realizadas com ativistas ou lideranças de determinado seguimento envolvidos nas questões que tocam o assunto da Conferência Mundial;

- Fita de Video, recurso utilizado para gravar imagens dos eventos, documentando assim, todo acontecimento. Se consultado, possibilitará análise das imagens recuperadas, como também de todo conteúdo sonoro, isto é, recurso multimeio que permite a leitura do texto através da imagem e do som;
- Folder, material também de caráter publicitário, usado na promoção de eventos, uma vez consultado, pode ser recuperado as informações, por exemplo: quais as questões que foram tratadas na programação de tal evento; quem foi o expositor que falou acerca de tal assunto;
- Folheto, tratado aqui como os documentos textuais, diversos, que tenham no máximo 48 folhas. Em muitos casos são relatórios de pesquisas ou documentos frutos de alguma entrevista, por exemplo;

Fotografia, material gráfico, usado como representação da realidade. Retirando-se as imagens de falsos acontecidos no passado, como denúncia dos acontecimentos, são produzidos com pretensão documental.

Este tipo de material é produzido em sua maioria pela reunião dos trabalhos apresentados pelos expositores em eventos. Este tipo de material não aparecerá com grande frequência neste acervo;

- Periódico, é o tipo de material mais consultado neste acervo, pois, é composto geralmente por artigos escritos recentemente, ou seja, são resultados de trabalhos acadêmicos, que

em muitas vezes trazem em seus conteúdos novas opiniões acerca do assunto pesquisado, tornando desta maneira, o material da linha de ponta para se pesquisar.

3.2.2. Estratégias de avaliação e seleção de entrada de documentos

Aqui, pretende-se com esta documentação, armazenar a “memória coletiva” (SILVA, 1999, p. 87), daqueles grupos sociais que reivindicam o reconhecimento de sua identidade, inserindo-os no contexto de “democracia de massas, [...] reforçando a participação política organizada do conjunto de cidadania” (COUTINHO, 1991, p. 101). Todo material produzido por agentes sociais com respaldo da credibilidade da informação nele contido, que nos for remetido para fazer parte do acervo, depois de avaliado pela equipe CEAB, que fará a comparação do conteúdo textual e avaliação da fonte que gerou o documento, que indicará a inclusão ou não do mesmo na base de dados do Banco de Memória do CEAB. A contribuição da Biblioteconomia, nesta tarefa, será de possibilitar a recuperação das informações para que elas possam ser trabalhadas pelos pesquisadores, ou seja, possibilitar uma melhor interação entre o passado e o presente da sociedade.

[A explosão da informação é tal que a simples seleção de informações brutas não corresponde mais as necessidades, sendo necessário digerir várias informações, sintetizá-las num quadro, comparar as informações contraditórias, avaliar sua confiabilidade, fornecendo desta forma o que poderia ser chamado de uma informação com valor agregado. (SMIT, 1986, p. 78).]

No CEAB é mantida uma preocupação com a seleção dos documentos, pois, levando-se em conta itens básicos no momento de criticar se o documento fará ou não parte do acervo. Como critério verificam-se dois elementos importantes no documento: primeiro o seu conteúdo textual, ou seja, se a informação é potencial para o acervo, o segundo elemento diz respeito à confiabilidade nesta

informação. Isto é, se o documento possui uma fonte, e se a mesma possa ser identificada, para dar mais credibilidade as informações por ele transmitidas. A análise do material que chega na Instituição, encaminhada para composição do acervo do Banco de Memória, é feita por profissionais que carregam em seus currículos, longos anos de convivência de vida acadêmica, somando a estes, realizações de cunho social, através de trabalhos desenvolvidos em prol de comunidades que conhecem os efeitos negativos produzidos pelas desigualdades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

BIBLIOGRAFIA

- ALONSO, Vera Lebatut Pinto Ribeiro. Centro de documentação das condições de vida da Leopoldina: descrição e análise. 1996. 22 f. Trabalho apresentado à coordenação da pesquisa Cultura, Informação e Sociedade: estudo das práticas de informação em campos sociais específicos com vista à revisão e ampliação dos modelos de comunicação e transferência da informação. Rio de Janeiro. 1996.
- BOGDAN, Roberto C.; BIKLEN, Sari Knopp. Investigação qualitativa em educação. Porto Alegre: Porto Editora. 1994. p. 89-97.
- BORGES, Edson; MEDEIROS, Carlos Alberto; D'ADESKY, Jacques. Racismo, preconceito e intolerância. São Paulo: Atual, 2002. (Espaço & Debate).
- BRUNET, Paul Jo, HERMAN, Jacques; SCHOUTHEETE, Marc de. Dinâmica da pesquisa em ciências sociais: os polos da prática metodológica. Rio de Janeiro: F. Alves, 1977. p. 223-227.
- CARVALHO, Ítalo. A memória do mundo. In: _____. Um general na biblioteca. São Paulo: Cia. das Letras, 2001. p. 127-133.
- CAMARGO, Célia Reis. Os centros de documentação das Universidades: tendências e perspectivas. In: SILVA, Zélia Lopes da (Org.). Arquivos, patrimônios e memória: trajetória e perspectivas. São Paulo: Ed. UNESP, 1999. p. 49-63.
- CAMPBELL, Bernadete Santos. Organizações como fonte de informação. In: CAMPBELL, Bernadete Santos; CENDÓN, Beatriz Valadares; KREMER, Jeannette Margarete (Org.). Fontes de informação para pesquisadores e profissionais. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2000. p. 35-44.
- CORTES, Maria Tereza. Centro de documentação: implantação com microcomputador. São Paulo: M. T. Cortes, 1987. p. 39-39.
- COULTELL, Carlos Nelson. Democracia e socialismo no Brasil de hoje. In: CARVALHO, Fernando Lopes; CAMARÁ, André Luís. A democracia como proposta. Rio de Janeiro: UFRJ, 1991. p. 93-112.
- DO AMARAL, Vera Lucia Doyle. Construindo o conceito de documento. In: LEMOS, Maria Tereza; FARIAS, Dina; NORRIS, Nilsen Alves de (Org.). Memória, Identidade e Representação. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2000. p. 59-66.
- FERREIRA-SILVA, Simone Silva. Arquivos permanentes de Movimentos Sociais: novos usos e funções. In: SILVA, Zélia Lopes da (org.). Arquivos, Patrimônio e Memória: trajetória e perspectivas. São Paulo: Ed. UNESP, 1999. p. 131-138.

RODRIGUES, Pedro Paulo de Abreu. Memória histórica e cultura material. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 13, n. 25/26, p. 17-31, set. 92/ago. 93.

SANTOS, Jean Del Alcázar I. As fontes orais na pesquisa histórica: uma contribuição ao debate. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 13, n. 25/26, p. 33-54, set. 92/ago. 93.

SILVEIRA, Jô. Lembrar e esquecer: desejo de memória. In: COSTA, Icléia Thiesen Magalhães; COSTA, Jô (org.). *Memória e espaço*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2000. p. 35-43.

SOARES, Maria de Lourdes Mônaco; ROSA, Zita de Paula. História oral: uma utopia?. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 13, n. 25/26, p. 7-16, set. 92/ago. 93.

TATOLINI, Paulo. Redes que a razão desconhece: laboratórios, bibliotecas, coleções. In: MARIKATIN, Maria; JACOB, Christian (org.). *O poder das bibliotecas: a memória dos livros no Ocidente*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2000. p. 21-44.

TECHOFF, Jacques. Documento/Monumento. In: _____. *História e Memória*. v. 2. Lisboa: Edições 70, 2000. p. 103-117. (Coleção Lugar da História).

TEIXEIRA, Euphrasio T. Bezerra de. A crise da memória, história e documento: reflexões para um tempo de transformações. In: SILVA, Zélia Lopes da (org.). *Arquivos, Patrimônio e Memória: novos usos e perspectivas*. São Paulo: Ed. UNESP, 1999. p. 11-29.

MONTEIRO, Helene. *O ressurgimento do Movimento Negro no Rio de Janeiro na década de 1970*. 122 f. Dissertação (Mestrado) - Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1991.

MONTENEGRO, Antonio Torres. História oral, caminhos e descaminhos. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 13, n. 25/26, p. 55-65, set. 92/ago. 93.

MOURA, Arnauri Mendes. Três impulsos para um salto: trajetória e perspectivas do Movimento Negro Brasileiro. 1998. 60 f. Monografia - Curso de Pós-Graduação em História da América, Universidade Cândido Mendes, Rio de Janeiro, 1998.

MURRAY, Jose Maria Nunes. *Os estudos africanos no Brasil e as relações com a África - um balanço de 1973 a 1986*. 1991. 153 f. Dissertação (Mestrado) - Departamento de Antropologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1991.

OLIVEIRA, Carlos Alberto; BARBOSA, Gustavo Guimarães. *Dicionário de Comunicação*. 2. ed. rev. e atual. Rio de Janeiro: Campos, 2001.

PEREIRA, J. Al Rêfao dos. *O que é racismo*. São Paulo: Abril Cultural, 1984. 82 p. (Coleção Trópicos passados, 6).

... História do negro no Brasil. São Luís: Centro de Cultura Negra do Maranhão, 1985. 100 p.

SILVA, Zélia Lopes da. O centro de documentação e apoio à pesquisa, um centro de "Memória" local? In: SILVA, Zélia Lopes da (org.). Arquivos, Patrimônio e Memória: trajetória e perspectivas. São Paulo: Ed. UNESP, 1999. p. 85-95.

SMIT, Johanna. O que é documentação. São Paulo: Brasiliense, 1986. 83 p. (Coleção Primeiros Passos, 174).

SOUZA, Ivani Pires de. Centro de Documentação e informação de uma empresa: descrição e análise. 1998. 56 f. Monografia apresentada à Escola de Biblioteconomia, da Universidade do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1998.

TACHIZAWA, Takeshy; MENDES, Gildásio. Como fazer monografia na prática. 6. ed. rev. Rio de Janeiro: FGV, 2001. 138 p.

UNIVERSIDADE Candido Mendes. Centro de Estudos Afro-Asiáticos: 25 anos. Rio de Janeiro, 1998.

